

Quarta-feira a Cidade Rainha, duas que
o nome não se a questão topográfica
das linhas, que também para a
os terrenos a representação natural
na a representação de um
e não apenas pontos para

PAISAGEM EM DESDOBRAMENTO

Leila Coffy

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

PAISAGEM EM DESDOBRAMENTO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Discente: Leila Coffy

Orientadora: Profa. Dra. Maristela Salvatori

Banca examinadora:

Profa. Dra. Cláudia Zanatta
Profa. Dra. Maria Ivone dos Santos

Porto Alegre, dezembro de 2017.

RESUMO: Pesquisa visual sobre a paisagem urbana de Porto Alegre que parte de experiências e deslocamentos por lugares simbólicos, produzindo desdobramentos desta observação através de uma experimentação gráfica que desencadeia-se a partir da transferência de imagens fotográficas sobre chapas de metal, que são gravadas e impressas sobre papel, experimentando a sobreposição de imagens, de textos e inserção de cor através da técnica de *chine-collé*.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, Fotogravura, Paisagem Urbana, Porto Alegre, *Skyline*.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Maristela Salvatori pela sua paciência e generosidade.

Aos professores do Instituto de Artes por este aprendizado transformador.

Aos meus colegas do Instituto de Artes pela amizade e convivência nos ateliês.

À equipe da Pinacoteca pelo grande auxílio nesta fase final.

Ao colega e professor Leandro Andrade por proporcionar este contato tão necessário com o Urbanismo, e aos professores da disciplina de Percepção e Urbanismo Daniele Caron, Fernando Fuão e Maria Ivone dos Santos pelas caminhadas lado a lado.

Aos meus colegas da Arquitetura e Urbanismo pela recepção, e especialmente à Luiza Maia.

Aos amigos Ângela Ben, Camile Louruz, Evelise Birck, Germana Cavalcante, Joana Holanda, Letícia Louruz, Maritza Bleil, Sérgio Santos, Thais Leston e Vera Tentardini pelas conversas sobre a cidade, fotografia, arte e vida.

À minha família, e sobretudo ao meu irmão Fernandes Coffy pelo seu exemplo de consciência política.

À minha mãe Zulma Coffy pelo seu amor incondicional.

SUMÁRIO

PENSAR A CIDADE, FOTOGRAFAR E GRAVAR _____	5
DESDOBRAMENTOS DO <i>SKYLINE</i> _____	11
SOFIA VELOSO, 120 _____	19
INDEPENDÊNCIA COM GARIBALDI _____	25
ILHA DA PINTADA _____	30
DA ELABORAÇÃO DA IMAGEM À IMPRESSÃO _____	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	40

PENSAR A CIDADE, FOTOGRAFAR E GRAVAR

Nos últimos semestres do curso de Artes Visuais o interesse pela paisagem urbana veio à tona e a reflexão sobre o caminhar na cidade começou a se aprofundar. Percebi nas escolhas de imagens para a xilogravura a presença de elementos arquitetônicos, do *skyline*, do ângulo contra-plongê e da sobreposição de imagens que simula a configuração dos elementos arquitetônicos ao caminhar (figura 1).

Figura 1:
xilogravuras
realizadas em 2015
no Atelier de
Gravura, à esquerda
Calle Siete Culebras
55x55cm, à direita
Sofia Veloso 120 1 e
2, impressões
sobrepostas de duas
matrizes 15x15.



Ao experimentar a produção de gravuras em metal, e mais especificamente de fotogravuras, percebi que este poderia ser um meio expressivo apropriado para estas escolhas.

O caminhar pela cidade apreciando sua paisagem suscitou questões sobre a relação entre a cidade e seus habitantes e levou à busca de disciplinas do urbanismo, cursadas no segundo semestre de 2016 e primeiro semestre de 2017.

No segundo semestre de 2016, quando cursei concomitantemente as disciplinas Calcografia e de Teorias Sobre o Espaço Urbano, illustrei algumas das *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino com calcogravuras (figura 2), usando elementos encontrados em registros fotográficos de Salis (2008), como o Edifício SULACAP com sua repetição de janelas (POLTOSI, 2016), estabelecendo uma analogia com os relatos de Marco Polo no livro: "Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza." (CALVINO, 1990, p.82)

Figura 2: a cidade invisível Zirna 14x14cm, calcogravura de 2016.



Na sequência surge a ideia de pensar a paisagem de Porto Alegre e elaborar fotogravuras a partir de fotografias tiradas em caminhadas com trajetos anteriormente programados ou aleatórios, utilizando a sobreposição de imagens, a inserção de elementos de cor e a combinação de fotogravura com outras técnicas de calcogravura (figura 3).

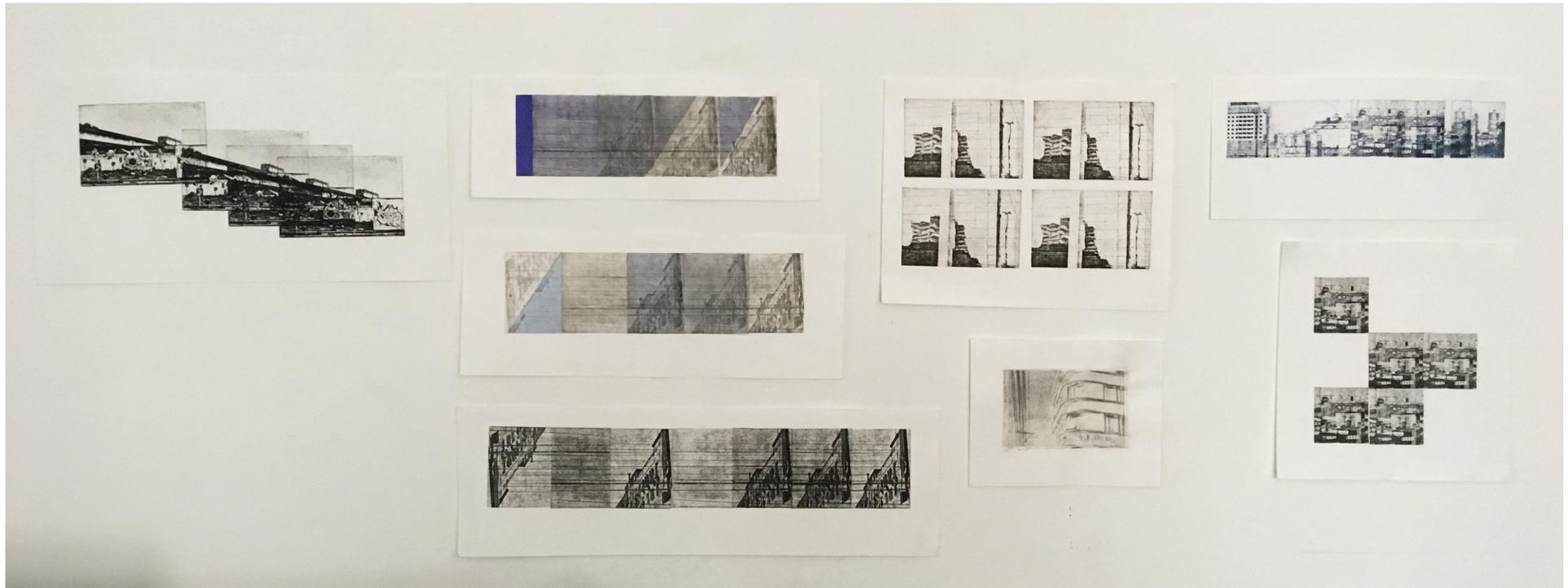


Figura 3: fotogravuras e colagens de impressões apresentadas na pré-banca em julho de 2017, à esquerda Rua Vasco Alves (Aeromóvel), Ernesto Alves, Praça Açorianos, IAPI (Foto Nick) e Sofia Veloso 120.

Após a apresentação do pré-projeto percebi que algumas ideias iniciais foram atravessadas por questões relacionadas a cidade que merecem análise.

Meu primeiro pensamento foi explorar a cidade caminhando, coisa que faço cotidianamente, e que julguei que deveria receber destaque na pesquisa, porém, como observado na pré-banca, o caminhar não surgiu no pré-projeto de maneira consistente.

Em minhas primeiras anotações a violência urbana já surgia como um dos obstáculos para o caminhar aleatoriamente ou mesmo continuamente até um destino preestabelecido (figura 4).

Ao mesmo tempo que este fato causou contrariedade e mudou o rumo do projeto, alerta para esta angustiante presença.

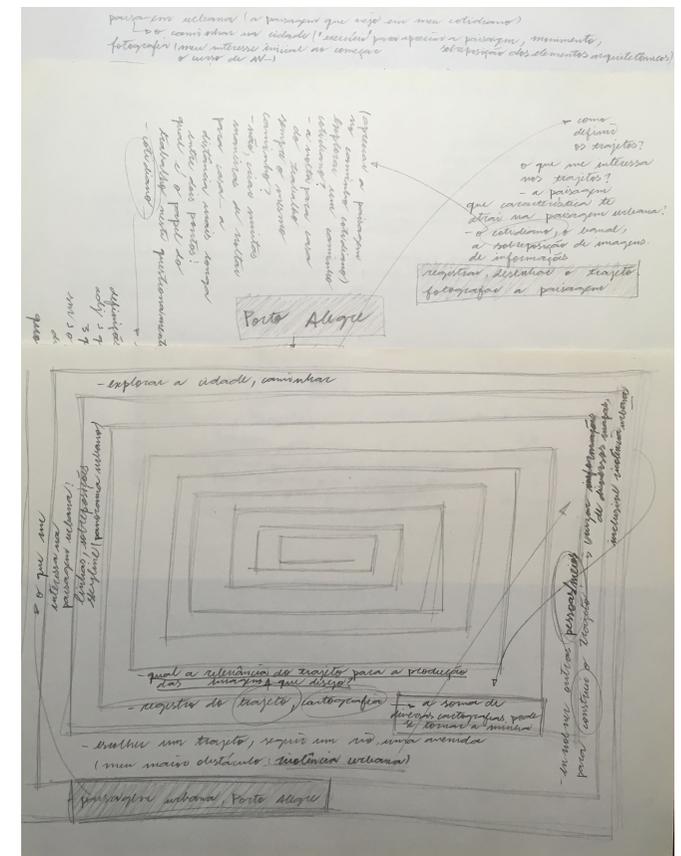


Figura 4: primeiras anotações para o pré-projeto.

As escolhas econômicas das esferas políticas mais amplas que empobrecem a população, aliadas a outras locais que encolhem a promoção do bem estar social, somadas ainda a interesses privados que causam a gentrificação das regiões centrais, repelem para a periferia o que se manifesta incontrolavelmente na cidade, uma parte da população que precisa resistir para poder existir.

Acredito que esta resistência também esteja presente nas camadas de arte urbana, pixações, *stencil* e cartazes; manifestações de quem talvez ainda não tenha sido aceito em circuitos tradicionais ou mesmo não deseje tal aceitação, que prefira se comunicar com outros que também estejam vivenciando a rua.

Outra questão que está conectada ao projeto não somente pelas imagens é meu local de trabalho, que, gerido pelo município, e direcionado à população que utiliza o Sistema Único de Saúde, está sofrendo um contínuo processo de precarização, inclusive com a possibilidade de sair do local em que se encontra, acompanhando o movimento de gentrificação da região central da cidade.

Neste trabalho procurei fazer uma abordagem poética desta paisagem urbana através de fotogravuras, à partir de fotografias tiradas em lugares simbólicos para mim, que de alguma maneira constituíram minha concepção de Porto Alegre, ou nas caminhadas com trajetos anteriormente programados, feitas na disciplina de Percepção

Ambiental e Urbanismo. Desenvolvi o trabalho prioritariamente a partir de impressões sobre papel, experimentando a sobreposição de imagens, a inserção de elementos de cor e texto através da técnica de *chine-collé*.

DESDOBRAMENTOS DO SKYLINE

A escolha das imagens para a elaboração das fotogravuras e mesmo para o pensar a cidade foi norteada pela ideia de *skyline*. Nela o *skyline* é uma linha contínua, que unifica o que é percebido como fragmentado com a aproximação, como uma síntese da cidade. Nas imagens da instalação *Occidents*, de Joceline Alloucherie¹ (figura 5), as silhuetas poderiam representar esta perda de detalhes que caracteriza estes perfis (SALVATORI, 2012).



Figura 5: Fotografia presente na instalação *Occidents*, de Joceline Alloucherie, 2006.

¹ Jocelyne Alloucherie vive e trabalha em Montreal. Através de configurações complexas, seu trabalho explora de maneira conceitual e poética conceitos relacionados à imagem, ao objeto e ao lugar. Suas instalações combinam elementos escultóricos, arquitetônicos e fotográficos. Em: <http://www.jocelynealloucherie.com/iiix/content/?id=bio>

Sendo a colagem de toda informação, observo *skylines* em contraste com o azul uniforme, e eles se traduzem somente em linhas, que dão uma certa sensação de tranquilidade, porém na aproximação há a inquietude, uma explosão de imagens, cores, texturas.

Nas construções encontramos camadas de estilos e tempos, reflexos da história da ocupação da cidade e símbolos desta relação, sobreposições. Como observa Nelson Brissac Peixoto em *Paisagens Urbanas*, toda estas camadas são a paisagem da cidade:

Campo de intersecção de pintura e fotografia, cinema e vídeo. Entre todas essas imagens e a arquitetura. Horizonte saturado de inscrições, depósito em que se acumulam vestígios arqueológicos, antigos monumentos, traços de memória e o imaginário criado pela arte contemporânea. Esse cruzamento entre diferentes espaços e tempos, entre diversos suportes e tipos de imagem, é que constitui a paisagem das cidades. (PEIXOTO, 2003, p.13)

Ao caminhar pela cidade tenho a sensação de fragmentação que suas oposições causam, indivíduos em situações e com interesses diversos. É preciso sobreviver à cidade, e nossa configuração econômica, social e cultural tem exacerbado as diferenças existentes, mas ainda assim é vital explorar a cidade:

Quando a fragmentação e o caos parecem avassaladores, defrontar-se com o desmedido das metrópoles como uma nova experiência das escalas, da distância e do tempo. Através dessas paisagens, redescobrir a cidade. (Ibidem, p.15)

Nas gravuras de Maristela Salvatori² (figura 6), as paisagens urbanas realizadas através da sobreposição de procedimentos que incluem a fotogravura (SALVATORI, 2012) e seu aspecto modular evocariam esta fragmentação.

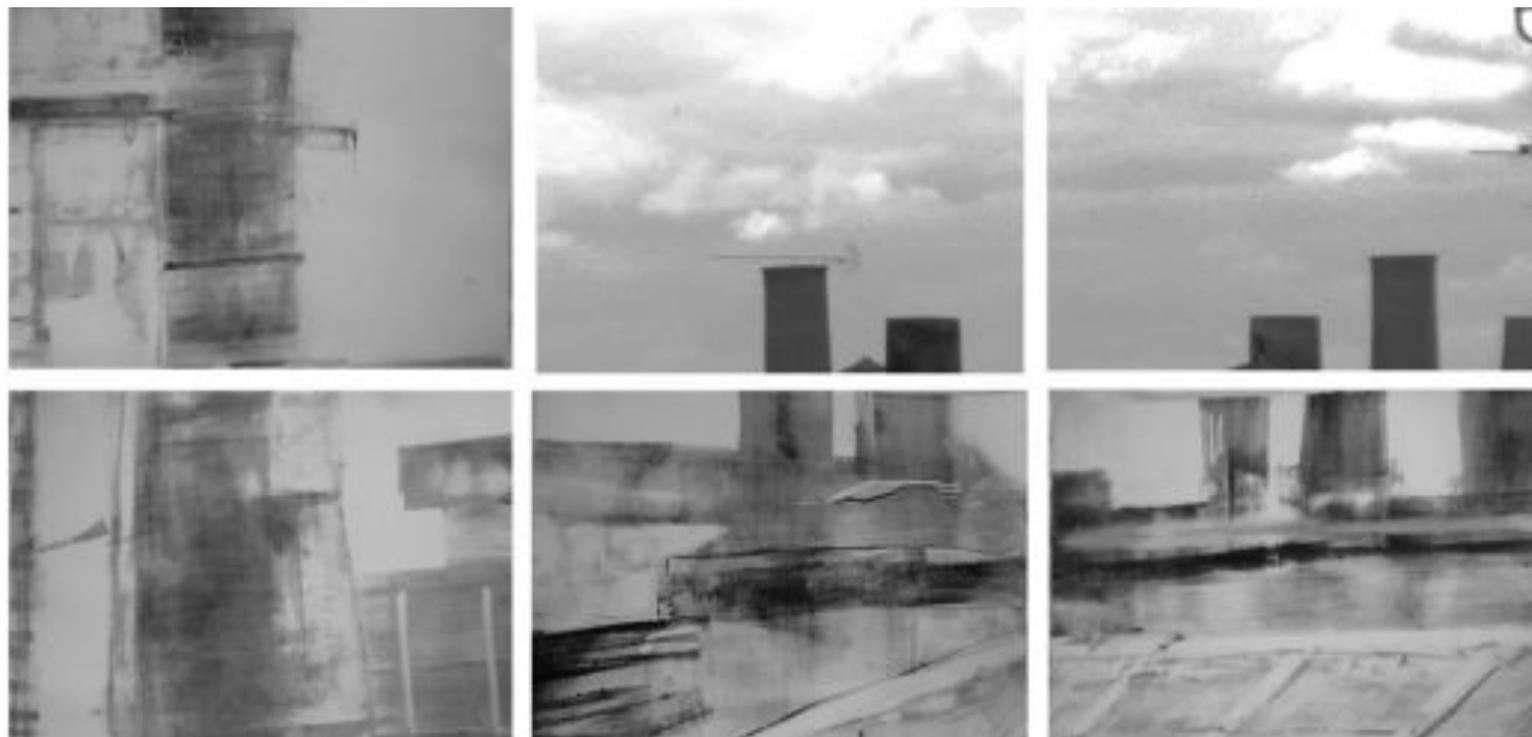


Figura 6:
Maristela
Salvatori, sem
título (série
Paris), 2012.

² Maristela Salvatori vive e trabalha em Porto Alegre. Trabalha com a representação. Paisagens, amplos espaços ou detalhes arquitetônicos configuram cenários frequentemente fragmentados e desertificados. Utiliza gravura, monotipia, fotografia ou mídia digital, por vezes justapostas, se interessa por uma linguagem fotográfica porém sem buscar verossimilhança. Em: *Pela arte contemporânea: desdobramentos de um projeto*, de Icléia Borsa Cattani e Maria Amélia Bulhões, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

É preciso observar a cidade para também apropriar-se dela, ser cidadão. A artista Thereza Miranda³ (figura 7), já na década de 70 utilizava a técnica para trazer para gravura suas imagens fotográficas e inquietações sobre a cidade:

Herança de toda uma história pessoal, da vivência de afetos, marcos de lembrança, a cidade e sua paisagem revelam para a artista um sentimento de pertencimento. Thereza absorve-se no registro e reorganização do espaço da arquitetura, buscando refletir com a fotogravura sobre a ação predatória e demolidora dos tempos recentes. (TÁVORA, 2013, p. 164)



Figura 7: Thereza Miranda, Restaurante Albamar, fotogravura, 1981.

³ Thereza Miranda Alves, nasceu no Rio de Janeiro, gravadora, pintora e desenhista. Sua incursão no campo da gravura começa quando, a partir de 1963, frequenta o ateliê de gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. De 1990 a 1992, ministra aulas de fotogravura no Ateliê Livre em Porto Alegre. O resgate e a valorização do patrimônio histórico e das paisagens são temas recorrentes em sua obra. Em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9991/thereza-miranda>

Durante a realização do trabalho se tornou mais intensa a percepção de que a paisagem urbana sofre a influência do desequilíbrio entre as forças presentes na cidade. Carlos Nelson dos Santos faz uma comparação destas forças com um jogo de cartas, em seu livro *A cidade como um jogo de cartas*:

O jogo urbano se joga sobre um sítio determinado que é a sua 'mesa'. Aí se juntam parceiros que se enfrentam segundo os grupos e filiações a que pertençam. Há os políticos, técnicos e funcionários que representam o governo.(...) Existem as empresas que agem através de investimentos na indústria, no comércio e nos serviços, com especial destaque para o capital ligado aos ramos imobiliário e da construção civil, cujas ações têm reflexos diretos no meio urbano. Por fim, entra a população, fragmentada nos mais diversos grupos. (SANTOS, 1988, p.50-51)

Surge também a ideia, cada vez mais recorrente, da arquitetura como ação e reação da cidade personificada, e a reatividade à hostilidade da cidade através de manifestações como a arte urbana. Esta sensação da cidade hostil, reativa, está presente também na literatura com que tive contato durante a execução do trabalho. Em *Noite*, de Erico Veríssimo, é forte a presença da metáfora da cidade como entidade:

A cidade parecia um ser vivo, monstro de corpo escaldante a arquejar e transpirar na noite abafada. Houve um momento que o homem de gris confundiu as batidas do próprio coração com o rolar do tráfego, e foi então como se ele tivesse a cidade e a noite dentro do peito. (VERÍSSIMO, 2009, p.14)

Esta "imagem da cidade-organismo, da urbe-monstro que espreita, devora, arqueja, geme, bufar, resfolega" é recorrente também na história do urbanismo, afirma Sandra Jatahy Pesavento, em seu texto "A cidade maldita", sobre a novela de Erico Veríssimo.

A cidade também assume estas características humanas na poesia de Mário Quintana, como em alguns dos poemas de *Apontamentos de História Sobrenatural*:

O Mapa
Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(É nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada

No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso.. (QUINTANA, 2005, p.169)
Lunar
As casas cerraram seus milhares de pálpebras.
As ruas pouco a pouco deixaram de andar.
Só a lua multiplicou-se em todos os poços e poças.
Tudo está sob a encantação lunar...

E que importa se um dos nossos artefactos
lá conseguiram afinal chegar?
Fiquem armando os sábios seus bодоques:
a própria lua tem sua usina de luar...

E mesmo o cão que está ladrando agora
é mais humano do que todas as máquinas.
Sinto-me artificial como esta esferográfica.

Não tanto... Alguém me há de ler com um meio sorriso
cúmplice... Deixo pena e papel... E, num feitiço antigo,
à luz da lua inteiramente me luarizo.. (Ibidem, p.44)

Partindo destas premissas, abordo a paisagem urbana a partir de *skylines* de três pontos da cidade que são simbólicos para mim, e a partir deles, alguns fragmentos, detalhes, desdobramentos.

Sofia Veloso, 120, onde moro e onde começa minha relação com a cidade, em um bairro diverso, que pode ser acolhedor ou hostil, que observo como amostra dos fenômenos que transformam a cidade, a gentrificação, a especulação imobiliária e sua capacidade de modificar a paisagem, a história da rua e do número 120.

Independência com Garibaldi, onde trabalho, a cidade que percebo ao caminhar, ou ser impedida de fazer meu trajeto pela violência urbana, onde percebo características de arquitetura hostil e a arte urbana como reação.

Ilha da Pintada, visão que parece ser de fora da cidade porém ainda em Porto Alegre, minha experiência no Urbanismo, a cidade e sua relação com a água, a relação com os cidadãos da ilha.

SOFIA VELOSO, 120

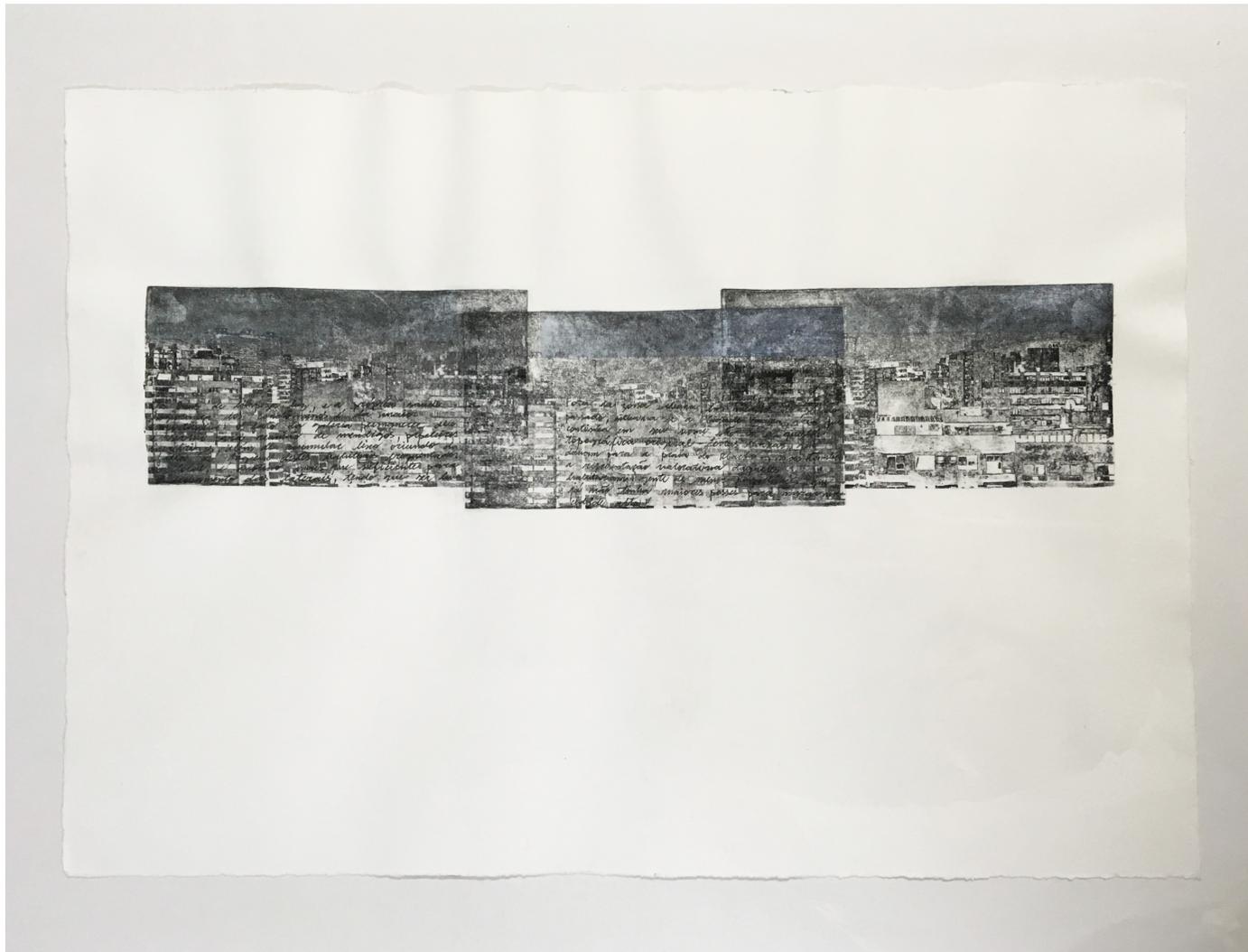


Figura 8: Sofia Veloso, 120, fotogravura e chine-collé, sobreposição de impressões de uma matriz 10x20cm, 2017.

Minha relação com Porto Alegre começou há aproximadamente dez anos, sempre morei no mesmo lugar desde que cheguei à cidade, na Rua Sofia Veloso, 120, na Cidade Baixa.

A Cidade Baixa era uma área fora da zona urbana que começou a ser ocupada em meados do século 19 e que como afirma Sandra Jatahy Pesavento:

(...) continha em seu nome não só a questão topográfica original - terras baixas, que davam para a Praia do Riacho, mas também a representação valorativa daqueles que a habitavam: gente de menor importância, que já não tinha maiores posses para morar na cidade alta. (PESAVENTO, 2002, p.251)

Durante o século 19, ainda denominado Arraial da Baronesa, o bairro era formado por propriedades semi-rurais, cuja base produtiva era a mão-de-obra escrava. Quando um escravo fugia de seus senhores, escondia-se nos matos que faziam parte do Arraial, sendo designado de território das "Emboscadas", tornando a zona famosa e temida. (Ibidem, p.251)

Até meados do século 20 a Cidade Baixa continuava sendo, além de reduto dos imigrantes italianos, dos ex-escravos: estes residiam na área correspondente ao Areal da Baronesa e à Ilhota, locais bastante insalubres, onde sistematicamente ocorriam inundações.

A Ilhota

A denominação de Ilhota ocorreu em função de uma intervenção realizada em 1905 no fluxo do Riachinho, que acabou por abrir um canal, formando uma pequena ilha. Posteriormente foi canalizado, e teve seu curso modificado, passando a ser conhecido por Arroio Dilúvio.

A modificação do bairro com o passar das décadas foi inevitável, a expansão da cidade tornou central a região que antes era periférica, e conseqüentemente as intervenções urbanísticas consideradas necessárias para o lugar que se transformou numa via de trânsito para inúmeros outros espaços da cidade.

Uma das intervenções na região foi o Projeto Renascença, que removeu a comunidade que habitava a Ilhota:

Sob o lema nefasto 'Remover para Promover' os anos de chumbo foram os dias mais difíceis enfrentados pela comunidade da Ilhota em mais de meio século de existência. O projeto Renascença, no final dos anos 1960, teve mais de mil casas demolidas e largadas, junto com seus moradores, desterrados na distante Restinga, no extremo sul da cidade.⁴

⁴ Ilhota, Publicação parte da pesquisa Arte, Território e Inclusão Social: Práticas Afirmativas em Comunidades Tradicionais do RS, PPGAV e PGDR-UFRGS.

Tive a oportunidade de ouvir os relatos de moradores e conhecer um pouco da história da desapropriação no Seminário Território Ilhota: em busca do direito à cidade, no Centro Cultural Érico Veríssimo. Permanece a indignação: somente parte dos cidadãos tem direito de viver nas áreas centrais da cidade?

O caso da galeria do Edifício Sumaré

Construído no início da década de 80 sob a égide das políticas de financiamento habitacional, recebeu seus primeiros moradores em meados de 83.

Nas plantas aprovadas pela prefeitura existe no térreo uma galeria pública unindo a rua Sofia Veloso com a praça Professor Antônio Saint Pastous de Freitas, exigência para a aprovação do projeto.

Desde sua abertura começa a ser frequentada por "indesejáveis", como descrevem os moradores, que solicitam autorização para o fechamento; o construtor teria informado aos moradores que a galeria seria pública somente após a compra dos apartamentos.

A prefeitura responde ao apelo declarando que a galeria é pública e que deve permanecer aberta para passagem conforme a planta aprovada do pavimento térreo.

Advogados contratados pelos moradores alegam que a galeria deve ser fechada:

(...)o fato da galeria permanecer aberta e servir para reunião de mendigos, papeleiros, meretrizes, além de acumular lixo oriundo da falta de higiene destes habituais frequentadores do local, é motivo mais que suficiente para o fechamento das laterais(...) o convívio diário com estes elementos gera insegurança aos condôminos(...) ⁵

A galeria é fechada pelos moradores, porém em janeiro de 84 a parede é demolida e o portão retirado, acontecimento noticiado pela Zero Hora e Correio do Povo. Atualmente a galeria está fechada em meio a prováveis trâmites entre a prefeitura e o condomínio.

Como moro no Edifício Sumaré tive acesso ao arquivo do condomínio sobre a galeria e pude fotografar em seu telhado. À partir destas imagens realizei a fotogravura "Sofia Veloso, 120" (figura 8), na qual coloco impressões deste *skyline* e sobreponho textos que remetem à história da cidade Baixa e ao número 120 da Rua Sofia Veloso através da técnica de chine-collé.

⁵ Notas coletadas do arquivo do condomínio do Edifício Sumaré sobre a galeria.

Tanto na história da desapropriação da Ilhota, quanto no caso, mais próximo a mim, da galeria do Edifício Sumaré, é nítida a presença do fenômeno da gentrificação da região, que expulsa para a periferia os moradores que já não podem mais arcar com os custos de um lugar que está sendo valorizado pela especulação imobiliária, no caso da Ilhota, e que deseja higienizar o local para valorizá-lo, como no caso da galeria.

Na Cidade Baixa percebo também a ambivalente relação entre o desejo de torná-la mais higienizada e vendável, e sua atrativa imagem de local alternativo, dos *outsiders* e boêmios, que vem de sua formação e está em seu nome.

INDEPENDÊNCIA COM GARIBALDI

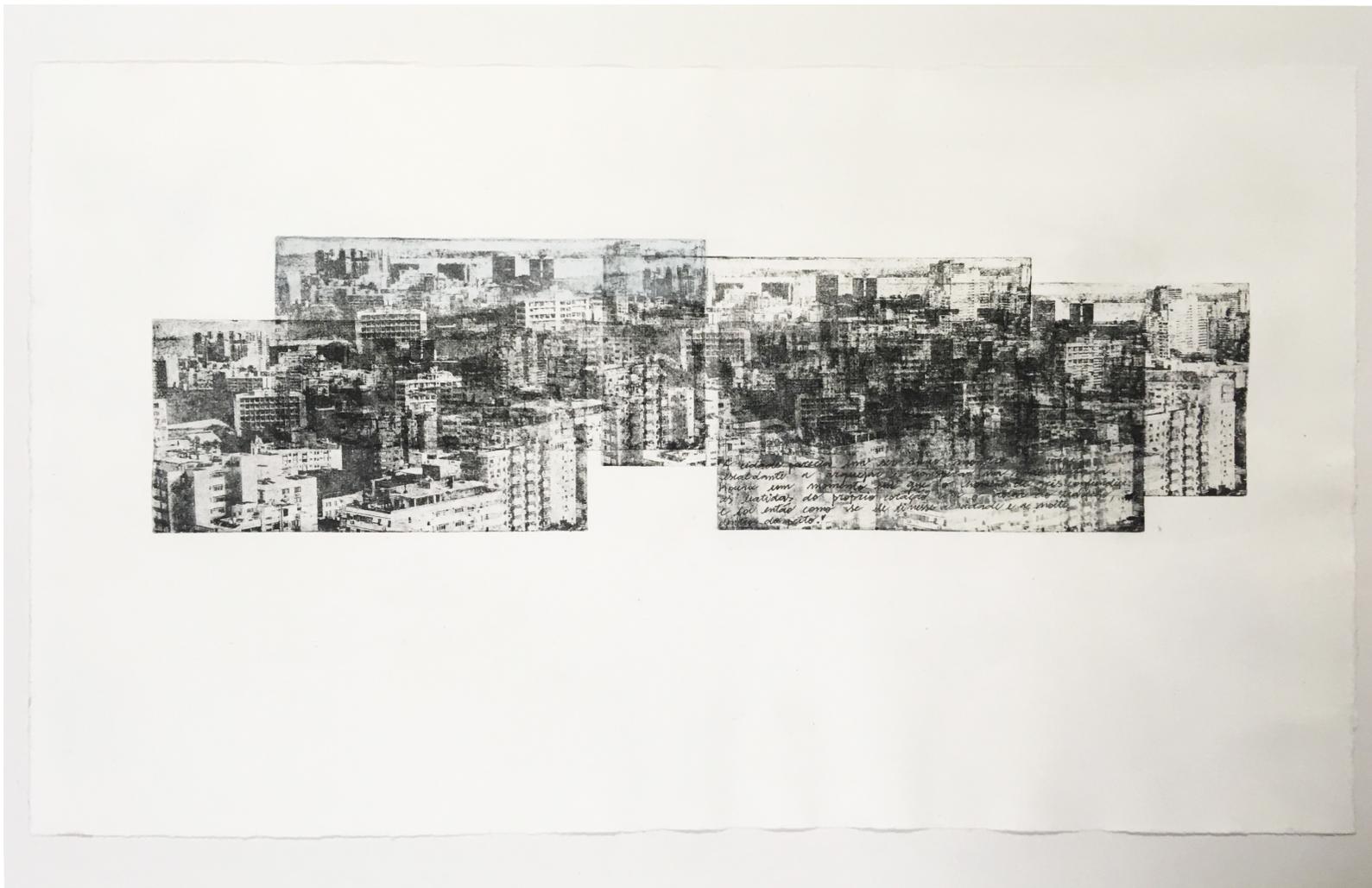


Figura 9: Independência com Garibaldi 1, fotogravura e chine-collé, sobreposição de impressões de uma matriz 10x20cm, 2017.

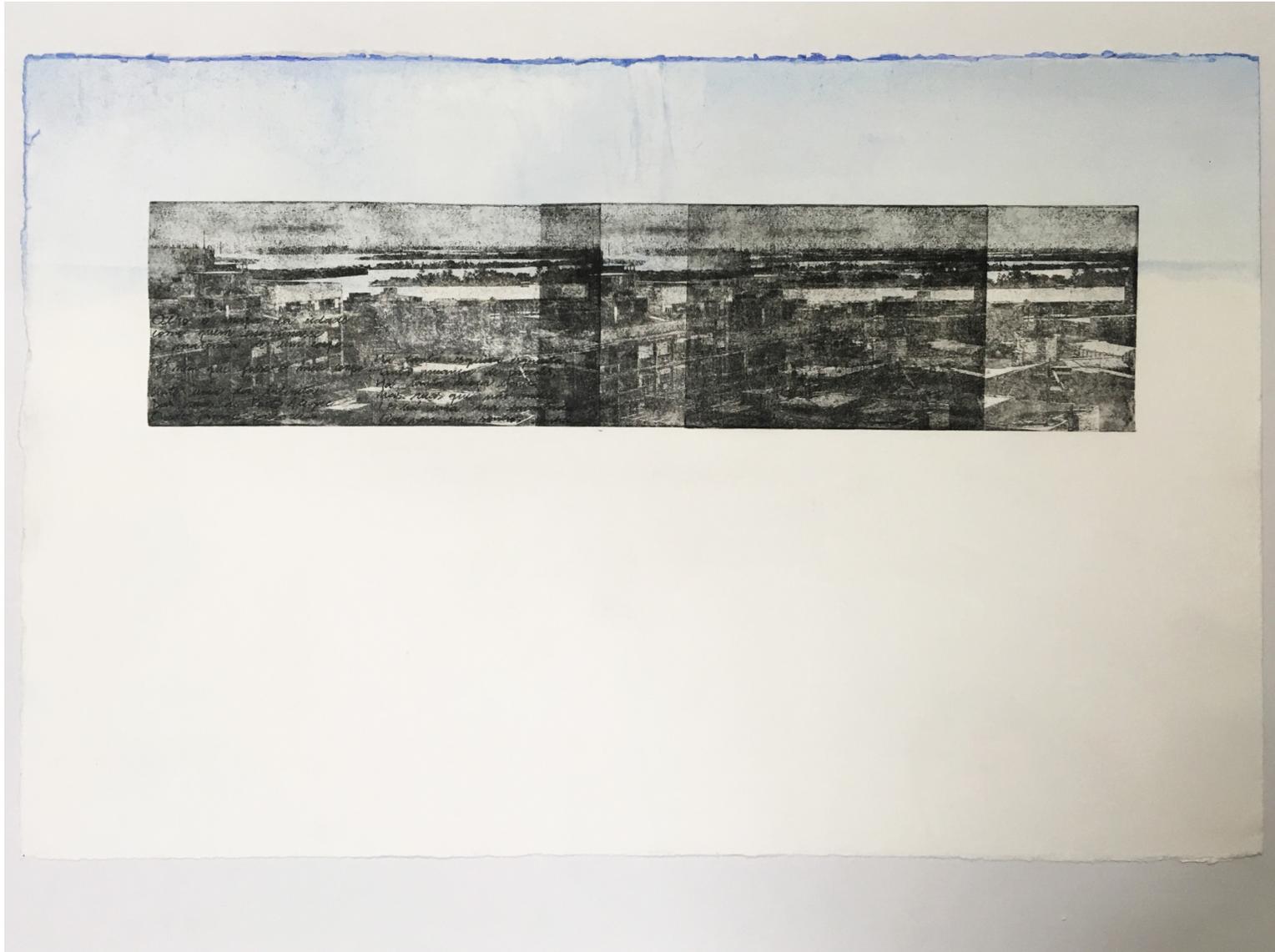


Figura 10: Independência com Garibaldi 2, fotogravura e chine-collé, sobreposição de impressões de uma matriz 10x20cm, 2017.

O bairro Independência tem suas origens no século 18, e seu eixo principal, a Avenida Independência, foi um caminho que surgiu espontaneamente, como uma das saídas da vila de Porto Alegre para a Aldeia dos Anjos, atual cidade de Gravataí. Neste período tem início a povoação da região, impulsionada pela construção do moinho de vento e fundação da Igreja da Conceição, e no final daquele século são implantadas linhas de bondes na região. Localizado em parte elevada da metrópole, o bairro tornar-se o local preferido da classe média no início do século 20, sobretudo a avenida, porém aos poucos, a partir da década de 1940, o desenvolvimento e a urbanização de outras regiões fez com a classe média diminuísse seu interesse pelo local, e as casas residenciais dão lugar a grandes prédios de apartamentos e de salas comerciais.⁶

O passado nobre ainda pode ser testemunhado pelos casarões, alguns agora fechados, cobertos por cartazes, adesivos, *stencil*, pixações, que podem ser interpretados como questionamentos para a cidade sobre o que simbolizam e a função destes lugares agora, sobre como a cidade tem tratado seus cidadãos que foram repelidos das áreas centrais. E então percebo, com cada vez mais frequência, elementos de arquitetura hostil como reação.

⁶ http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

A oposição entre a cidade baixa, de onde saio diariamente, e a cidade alta, onde trabalho, encontra correspondência simbólica na questão topográfica e está presente na literatura, como na novela *Noite*, de Erico Veríssimo, onde o protagonista, o “homem de gris”, perde temporariamente a memória e acredita ter cometido um crime, por ter vestígios de sangue em suas roupas (VERÍSSIMO, 2009). Ele vaga à noite pela cidade, perambula pela Redenção, segue até a Cidade Baixa e descendo até o cais encontra os tipos mais abjetos, como destaca o autor em um tom lombrosiano das descrições fisionômicas (PESAVENTO, 2008), chega a entrar no Hospital de Pronto Socorro e frequenta um casarão decadente, agora ocupado por moradores menos nobres, até recobrar a memória e se redimir voltando a parte alta da cidade, próxima à Catedral.

Na esquina da Avenida Independência com a Rua Garibaldi está o hospital onde trabalho e em seu terraço pude tirar as fotografias para as fotogravuras seguintes, “Independência com Garibaldi” 1 e 2 (figuras 9 e 10). Na primeira insiro um pequeno trecho da novela *Noite*, por me remeter a esta sensação da cidade hostil, e como neste *skyline* há a presença da Cidade Baixa, surge a questão topográfica que percebo em meu deslocamento. O terraço se torna o ponto de inflexão, nele observo a Cidade Baixa de um lado e do outro, as ilhas. Na fotogravura seguinte as ilhas aparecem no horizonte e

o skyline é azul aquarelado, o que me remete ao Guaíba e à poesia de Mário Quintana:
"Olho o mapa da cidade/ Como quem examinasse/ A anatomia de um corpo...".

ILHA DA PINTADA

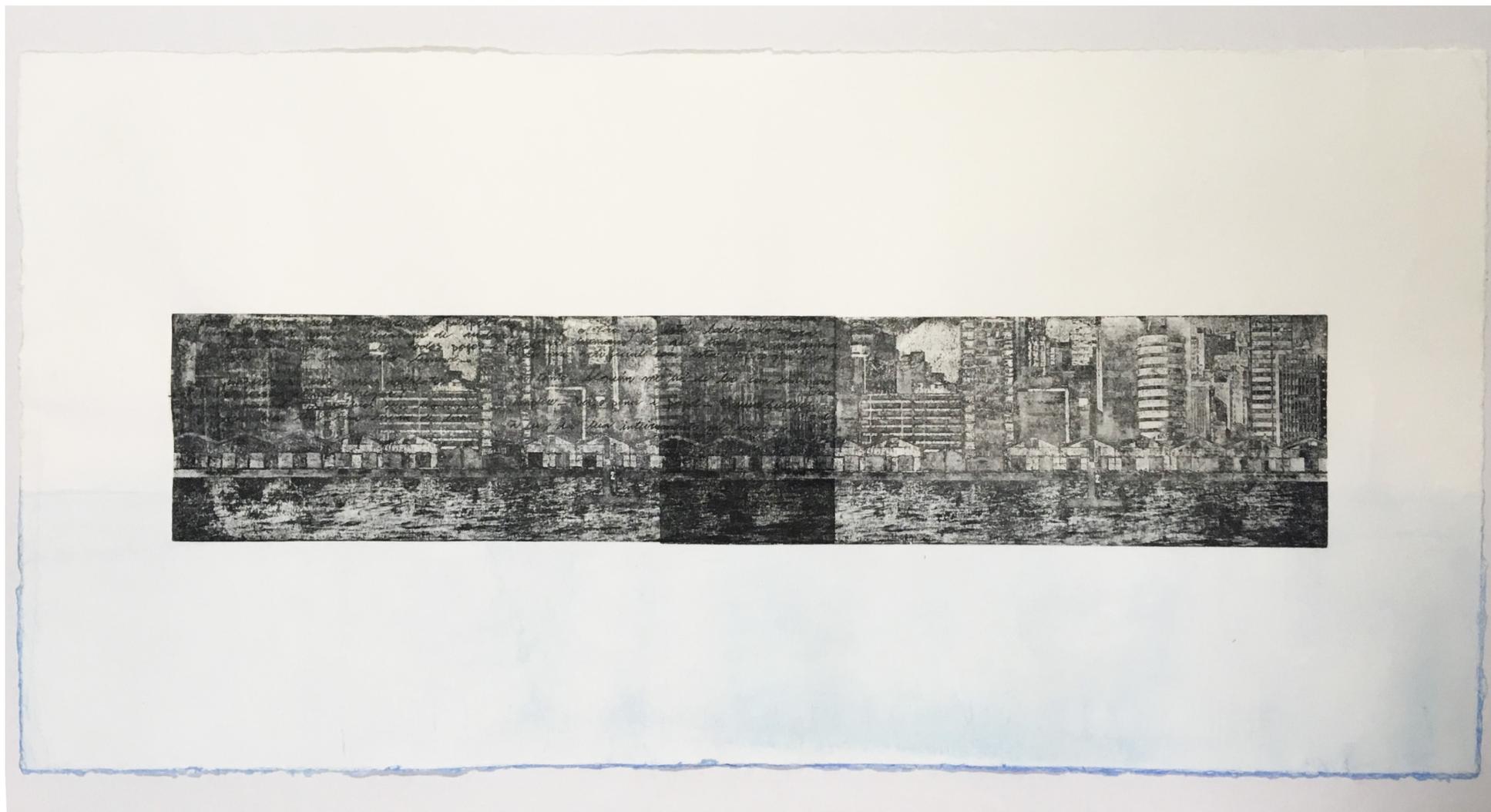


Figura 11: Guaíba, fotogravura e chine-collé, sobreposição de impressões de uma matriz 10x30cm, 2017.

O bairro Arquipélago é composto por 16 ilhas, sendo que sua primeira ocupação, conforme indícios arqueológicos, data do século 16, pelos índios guaranis. Com a chegada dos europeus no Rio Grande do Sul, os índios buscaram outras regiões do Estado. Segundo os moradores antigos do Arquipélago, no século 18 algumas destas ilhas abrigaram ancestrais escravos, documentos do século 19 comprovam a presença de população negra na Ilha em 1810, e dão indícios que sua ocupação seja anterior a esta data.

No início do século 19, as ilhas abasteciam o centro da cidade com seus produtos, principalmente capim, hortaliças e peixes, mas, a partir do final do século 20, a pesca foi a principal atividade econômica dos ilhéus. Foi assim até meados de 1970: a pesca era artesanal e abundante, sendo o barco o principal meio de transporte.

O processo de desenvolvimento urbano da cidade alterou o modo de vida de seus habitantes, como a construção da ponte do Guaíba, que diminuiu o uso do transporte fluvial, e com a proximidade e facilidade de acesso ao centro da cidade aconteceu então um significativo aumento populacional.⁷

⁷ http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

Pude visitar a Ilha da Pintada na disciplina de Percepção e Urbanismo, fomos levados pelos pescadores e conversamos com os moradores de lá. Na ocasião pude fotografar um dos *skylines* mais conhecidos de Porto Alegre, os armazéns do Cais Mauá:

A extensa sequência dos frontões dos onze armazéns amarelos com grandes portas de ferro vermelhas, em contraste com a verticalidade dos guindastes dispostos sobre trilhos ao longo do cais de granito, pode ser entendida como a imagem mais característica da cidade. (POLTOSI, 2016, p.93)

A partir destas fotografias, tiradas de dentro de um barco no Guaíba, elaborei a fotogravura que chamo de "Guaíba" (figura 11), seguindo a ideia de nomear as gravuras com o local de onde foram feitas as imagens. Insiro um trecho da poesia Lunar, de Mário Quintana e novamente o rio surge aquarelado.

Tive a impressão de que o afastamento das ilhas não é somente geográfico, que os moradores de lá se sentem rechaçados pela cidade, mas creio que a reação a este sentimento está em um orgulho de pertencer àquele local, um desejo de preservar a natureza e a história do lugar. Ocupando o mesmo espaço, porém sem estabelecer praticamente nenhuma relação, estão os frequentadores das marinas e os habitantes eventuais das grandes casas muradas, existindo como que em cidades opostas.

Pescando o Lixo

O projeto chamado Pescando o Lixo é realizado na época em que a pesca é proibida em função da piracema e neste acontecimento, em poucos dias, os pescadores da colônia da Ilha da Pintada retiram dezenas de toneladas de lixo do Guaíba.

Recolher o lixo que é produzido pelos moradores do outro lado do rio e de cidades próximas e trazido pelas correntes pode parecer um gesto simbolicamente generoso de quem vive apartado da cidade.

Fica a sensação de que a cidade precisa resgatar o respeito por quem vive de maneira tão simbiótica com o Guaíba, e a relação de encanto com suas águas:

As casas cerraram seus milhares de pálpebras.
As ruas pouco a pouco deixaram de andar.
Só a lua multiplicou-se em todos os poços e poças.
Tudo está sob a encantação lunar... (QUINTANA, 2005, p.44)

DA ELABORAÇÃO DA IMAGEM À IMPRESSÃO

O recorte fotográfico e a observação das formas e manifestações arquitetônicas da cidade já estavam presentes no início, mas também julguei necessária uma aproximação com a arquitetura para entender a paisagem urbana. Esta pode ser considerada uma primeira etapa, onde se formaram algumas das imagens fotográficas, mesmo tendo se desenvolvido concomitantemente ao aprendizado da calcogravura e da técnica escolhida, a fotogravura.

A fotogravura então exigiu um aprimoramento na manipulação da imagem fotográfica, mesmo que somente para melhorar características como contraste e nitidez. Além da persistência, por usarmos no ateliê do Instituto de Artes um método artesanal, sujeito à falhas, o planejamento para as impressões é imprescindível, principalmente quando textos e papéis tingidos começaram a ser inseridos através da técnica de *chine-collé*⁸ (figuras 12, 13, 14 e 15).

⁸ Técnica usada em conjunto com processos de gravação como calcogravura ou litografia, que resulta em um suporte de papel de duas camadas: um papel fino, cortado do tamanho da placa de impressão e um papel de suporte maior e mais espesso abaixo. Tanto o papel fino como a folha de suporte são colocados em cima da placa com tinta e correm juntos através da impressora, às vezes com uma fina camada de adesivo entre elas para reforçar a ligação produzida através da pressão da prensa. O processo cria um contexto sutil e delicado para a imagem impressa. Chine é a palavra francesa para a China, referindo-se ao fato de que o papel fino originalmente usado com esta técnica foi importado da China, bem como da Índia ou do Japão e collé é a palavra francesa para "colada". Em: <https://www.moma.org/collection/terms/20>

Para a inserção de elementos de cor, de outra forma que não através da impressão, aproveitei as experiências obtidas no ateliê de aquarela⁹, técnica que permite tingir o papel para a técnica de *chine-collé* ou mesmo o papel para impressão.

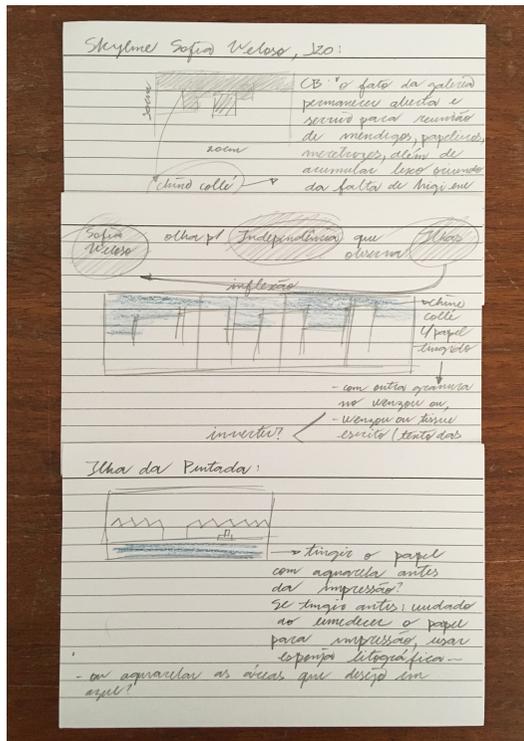


Figura 12: anotações para a confecção das placas.

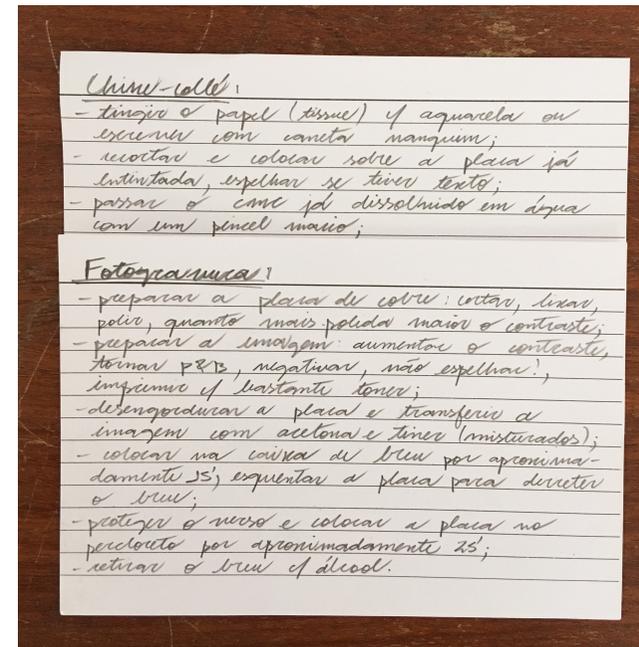


Figura 13: anotações sobre as técnicas de *chine-collé* e fotogramas.

⁹ Oficina de Materiais e Técnicas de Desenho, ministrada pela Professora Laura Castilhos.

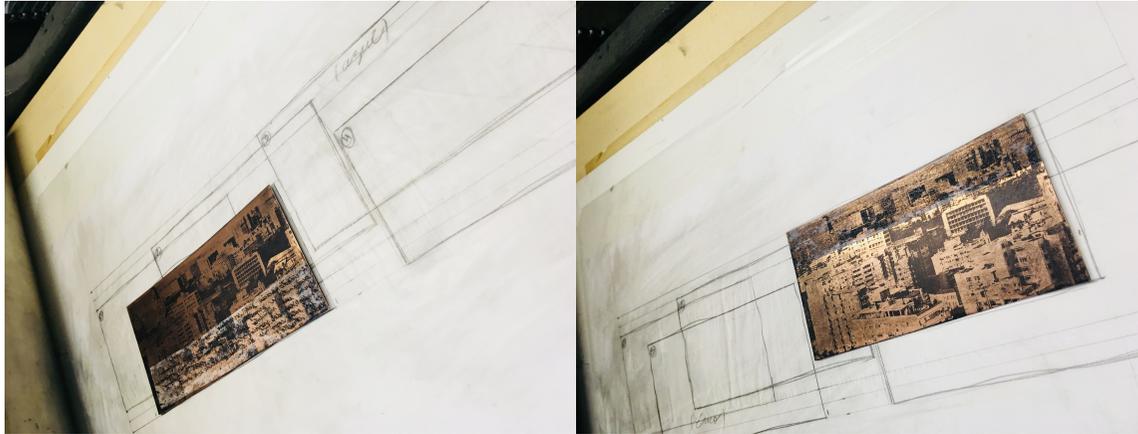
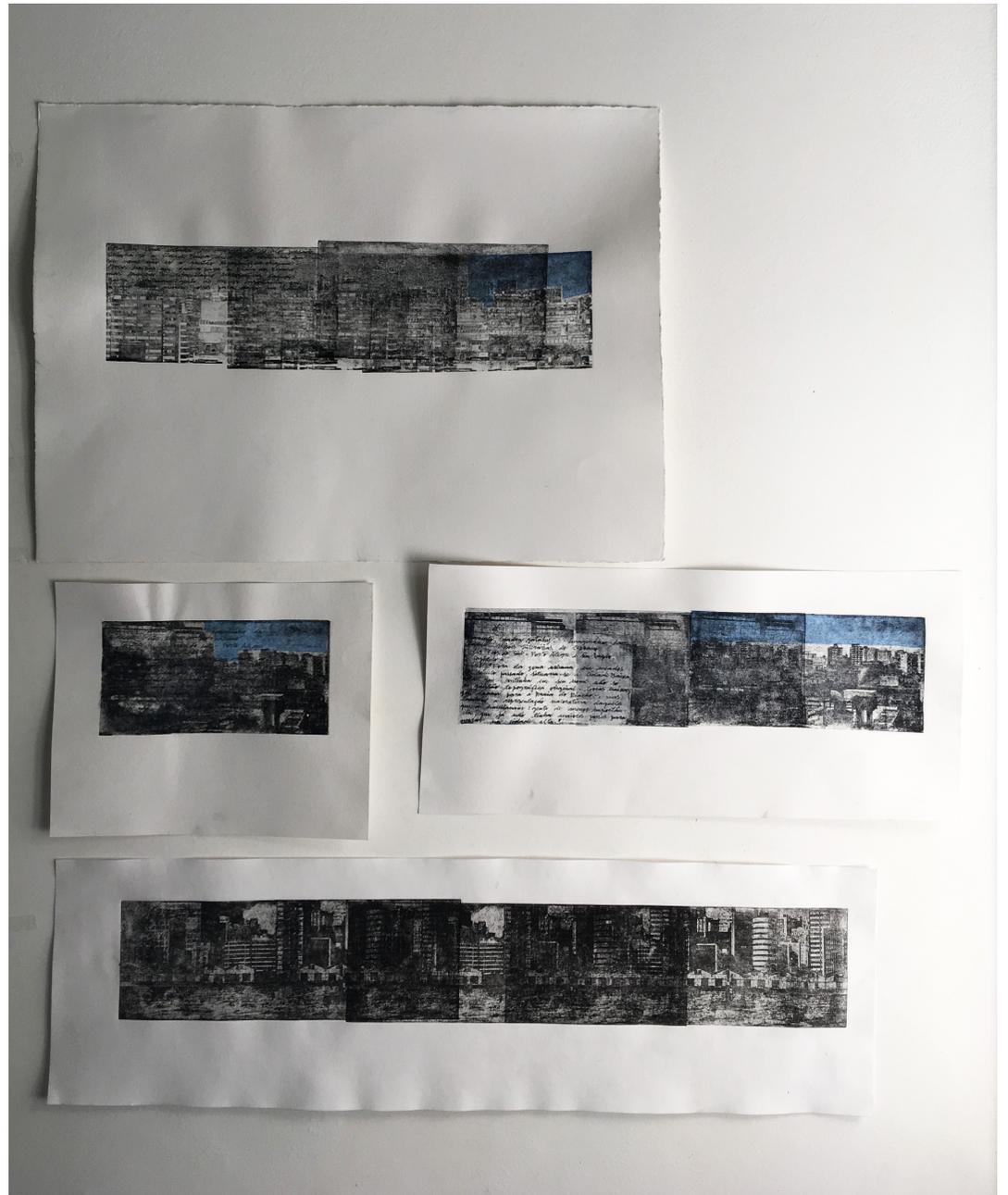


Figura 14: placas prontas para a impressão com *chine-collé*.

Mesmo com o planejamento das impressões, algumas não atingem o resultado esperado, seja pelo papel usado para a impressão ou para a técnica de *chine-collé*. E mesmo a placa produzida pode não ter a qualidade necessária para esta impressão.

Figura 15: alguns testes com papéis e placas diferentes.



A fase final do trabalho, que exigiu pensar a expografia e solucionar o modo de apresentá-lo ao público, proporcionou uma reflexão mais complexa sobre todo processo e um crescimento pessoal como produtora e apreciadora de um trabalho artístico. O elaborar das imagens, além de ser perpassado por todas as especificidades técnicas envolvidas, suscitou minha curiosidade e conduziu um estudo mais abrangente sobre os lugares que serviram de referência para esta produção poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a sensação de que este trabalho de alguma maneira deve sintetizar todo o tempo em que frequentei o Instituto de Artes, e o fato de ser também sobre Porto Alegre está intimamente ligado a isto. Desde que cheguei nesta cidade comecei a estudar fotografia e logo ingressei no Instituto de Artes, portanto toda minha experimentação da cidade foi mediada pelo conhecimento que adquiri nele.

Estas questões se fundem, minha experiência na cidade e minha aproximação das artes visuais, através da graduação, e conseqüentemente surge o pensamento de como este contato pode ser transformador e até mesmo necessário, pois suponho que minha experimentação da cidade não teria todas as nuances de agora.

Perceber este desequilíbrio que a especulação imobiliária causa, fazendo com que lugares como a Vila do IAPI, projeto inspirado no modelo urbanístico de cidade-jardim que se mantém preservado por ser considerado patrimônio cultural (CUSTÓDIO, 2014), se tornem ilhas na cidade, foi possível também através desta mediação da arte e do contato com do Urbanismo.

Como trabalho e sigo estudando na área da saúde convivo com a ideia de necessidades humanas básicas, descritas em uma pirâmide que prioriza questões fisiológicas e de sobrevivência, contexto onde manifestações artísticas podem não ser consideradas prioritárias, porém considero a arte como fundamental para a experiência diária, como foi para mim com relação à cidade, os *insights* provocados não a tornaram necessariamente mais agradável, mas mais consciente, crítica.

Vivo a cidade, mergulho nela, nas mazelas e prazeres, inundo os olhos de cenas, paisagens, circulo, desejo ela toda para todos, "Sinto uma dor infinita/ Das ruas de Porto Alegre/ Onde jamais passarei..."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato et al. *Vila do IAPI, orientações para conservação*. Porto Alegre: Letra e Vida, Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, 2014.
- HISTÓRIA DOS BAIRROS DE PORTO ALEGRE, disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf
- ILHOTA Publicação parte da pesquisa *Arte, Território e Inclusão Social: Práticas Afirmativas em Comunidades Tradicionais do RS, PPGAV e PGDR-UFRGS*.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. 3.ed. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Cidade Maldita*, em: *Imagens Urbanas - Os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- POLTOSI, Rodrigo. *Guia de arquitetura de Porto Alegre*. Porto Alegre: Escritos, 2016.

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. São Paulo: Globo, 2005.

SALIS, Eurico. *Porto Alegre: cenas urbanas, paisagens rurais*. Porto Alegre: Edição do Autor, 2008.

SALVATORI, Maristela. *Imagens em trânsito*. Porto Alegre: Revista Porto Arte., 2012.

SALVATORI, Maristela. *Paisagens mestiças*, em: *Paisagem em Questão: artes visuais e a expansão da paisagem*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *A cidade como um jogo de cartas*. São Paulo: Projeto Editores, 1988.

TAVORA, Maria Luisa Luz. *Paisagens Urbanas de Thereza Miranda: entrelaçamento de tempos*, em: *Paisagem em Questão: cultura visual, teorias e poéticas da paisagem*. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

VERÍSSIMO, Erico. *Noite*. 21ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.